

O FUS CAN TE

A ASA ESQUERDA

MIRCEA
CĂRTĂRESCU

Traduzido do romeno por
TANȚY UNGUREANU



Antes de ter sido construído o prédio à frente do nosso e de a paisagem se ter tornado opressiva e irrespirável, eu passava noites a fio a ver Bucareste da janela tripla do meu quarto, situado na Avenida Ștefan cel Mare. A janela reflectia a parca mobília da assoalhada, de madeira amarelecida, um espelho, algumas plantas – aloé e aspárago – em vasos de barro, colocados sobre a mesa, o lustre com quebra-luz de pedacinhos de vidro esverdeado, um deles há muito lascado. O espaço amarelo do quarto tornava-se ainda mais amarelo, afundando-se na janela gigantesca, e eu, um adolescente lingrinhas e enfermício, no meu pijama grosso e com um colete largo por cima, ficava sentado na cama toda a tarde, fitando, hipnotizado, os olhos do meu reflexo no espelho glauco da vidraça. Apoiava os pés no aquecedor debaixo da janela, que, no Inverno, me queimava e me provocava uma mistura perversa, subliminar, de prazer e sofrimento. Observava, no vidro amarelo, sob a tripla flor do fantasma do lustre, o meu rosto fino que nem uma lâmina, de olheiras violáceas. A penugem dum bigode incipiente tornava ainda mais evidente a assimetria da minha boca, que era, aliás, a assimetria da minha cara. Se se tirasse uma fotografia minha e se lhe tapasse a metade esquerda, obter-se-ia a imagem de um jovem desenvolvido e voluntarioso, de traços quase belos. Mas a outra metade surpreendia e amedrontava: tinha o olho morto, a boca trágica, e a falta de esperança espalhava-se na pele como acne.

Só quando apagava a luz do quarto é que me sentia verdadeiramente eu mesmo. De repente, começavam a correr nas paredes as faixas azul-cintilante e verde-fosforescente dos eléctricos que passavam, rangendo, pela avenida, cinco andares abaixo; de repente, tomava consciência do terrível ruído do trânsito, da solidão e da tristeza infinita da minha vida. O interruptor estava atrás do guarda-roupa e, apagada a luz, o quarto parecia um aquário lívido. Mexia-me como um peixe velho entre as mobílias podres que cheiravam a resíduos marinhos; avançava no áspero tapete de juta até à arca junto à cama; sentava-me nela, aconchegava os pés no aquecedor e a fantástica Bucareste explodia instantaneamente atrás do vidro azul. Parecia um tríptico nocturno, com um brilho vítreo, infinito, inesgotável. Em baixo, vislumbrava um bocado da avenida, com os postes de iluminação, cruzes de metal, sustentando os fios dos eléctricos e as lâmpadas rosáceas, que, no Inverno, puxavam da noite ondas atrás de ondas de neve furiosa ou calma, rara como nos desenhos animados ou abundante como uma juba. Nas noites de Verão, divertia-me a imaginar cristos de coroa de espinhos na testa, crucificados em cada um dos postes daquela fila infinita. Magricelas e cabeludos, com trapos húmidos à volta das ancas, seguiriam de olhos lacrimejantes o desfilar de carros na avenida calcetada. Umas crianças, sabe-se lá porquê na rua àquelas horas da noite, ter-se-iam demorado e contemplado o cristo mais próximo, erguendo para a lua rostos triangulares.

Em frente, a padaria. Seguiam-se algumas casas com quintais e o quiosque redondo da tabacaria. Uma loja para recarregar os sifões de água com gás e uma mercearia. Se calhar foi por ter atravessado pela primeira vez a avenida sozinho, para ir comprar um pão, que esse lugar se tornou recorrente nos meus sonhos. Nos meus sonhos já não é uma barraca miserável, sempre sombria, a tresandar a ratazanas, onde uma velha de bata branca mexe em pães, mas antes um espaço misterioso, para o qual davam uns degraus altos, difíceis de subir. A lâmpada enfezada, atada ao tecto por dois fios sem isolamento, adquire um sentido místico, e a mulher que anda por entre as caixas de pão ciclópicas é, no sonho, jovem e bonita, alta como uma torre. Na palma da minha mão,

as moedinhas fulgem naquela luz quimérica; tento contá-las, mas não consigo e começo a choramingar, porque não sei se chegam para um pão. Mais longe, avenida acima, mora o senhor Cățelu⁽¹⁾, um reformado desgraçado e preguiçoso, que tem um quintal como que devastado pela guerra – mais lixeira que quintal –, onde nada cresce. O homem e a mulher andam tontos, dum lado para o outro, entrando e saindo da sua barraca coberta com cartão revestido a alcatrão, tropeçando no cão esquelético, do qual, aliás, lhes veio o nome. Em direcção ao estádio do Dínamo fica a mercearia, de que apenas avisto uma esquina. Do lado do circo fica o prédio com o *self-service* e outro quiosque de jornais. Nos meus sonhos, é lá que começam os subterrâneos. Vagueio, com um cesto de arame na mão, por entre as prateleiras com marmelada e doces, guardanapos e pacotes de açúcar (onde às vezes estavam escondidos pequenos carros de metal, verdes ou cor-de-laranja; pelo menos era o que diziam os outros rapazes); entranho-me, por uma porta de vaivém, noutra zona da loja, zona que nunca existiu, e dou comigo lá fora, debaixo das estrelas, empunhando ainda o cestinho cheio de latas e de frascos. Estou nas traseiras do prédio, entre caixas apinhadas, e à minha frente há uma porta metálica pintada de branco, onde em certas ocasiões se vendia queijo. Mas agora já não é uma porta só, como na realidade, são umas dez, enfileiradas ao longo do prédio, e, entre elas, as janelas bem iluminadas dos quartos da sobreloja. Em todos eles era possível enxergar camas invulgares, de pés muito altos, onde dormiam belíssimas jovens, de cabelo espalhado na almofada e delicados seios destapados. Num dos devaneios abri a porta mais próxima e descí por uma escada em caracol, que me levou às profundezas da terra, até uma pequena alcova com luz eléctrica, onde estava à minha espera uma dessas dóceis raparigas-boneca de caracóis. Embora já fosse homem quando sonhei com isso, não tive a sorte de possuir Silvia, e toda a excitação se desvaneceu num emaranhado pastoso de palavras e gestos. Saímos de mãos dadas, atravessámos a avenida coberta de neve e contemplei o seu cabelo azulado à luz das montras da

(¹) «Cãozito», em romeno. (N. T.)

farmácia e do restaurante *Hora*. Esperámos os dois pelo eléctrico debaixo da neve, que nos apagava os traços do rosto; e o eléctrico chegou; e não tinha tabiques, apenas o chassi e algumas cadeiras de madeira; e Silvia subiu e perdeu-se numa zona da cidade que viria a conhecer mais tarde, noutros sonhos.

Atrás dessa primeira linha de edifícios emergiam outros, cobertos de estrelas. Havia uma mansão imponente, de telhas vermelhas, e uma casa rosa, parecida com um castelo em miniatura; havia também vestígios da época de entre as guerras: prédios baixos de quatro andares, envoltos em hera, com janelas redondas e rectangulares, com ornamentos *Jugendstil* e alpendres grotescos em cima. Tudo perdido na folhagem enegrecida dos choupos e das bétulas, que varriam o céu fundo, cada vez mais fundo perto das estrelas. Atrás das janelas iluminadas formigavam vidas das quais surpreendia fragmentos: uma mulher passava roupa a ferro; um homem, de camisa branca, cruzava ansiosamente o quarto do terceiro andar; duas mulheres, afundadas em poltronas, conversavam ininterruptamente. Apenas três ou quatro janelas despertavam interesse. Em noites de febre erótica plantava-me atrás do vidro, na escuridão, até todas as luzes desaparecerem e não haver mais nada que ver, esperando apanhar aquelas cenas, aquele desvelar de seios e nádegas e triângulos púbicos, aqueles homens atirando mulheres para a cama, ou levando-as até à janela e possuindo-as por trás. Não raras vezes, cortinados ou persianas tapavam as janelas, e então esforçava-me, dando cabo dos olhos, por interpretar os movimentos abstractos e fragmentados que se adivinhavam no sulco de luz desobstruído, lobrigando em tudo tão-só coxas e ancas, até entontecer e sentir o sexo penosamente molhado no pijama. Só depois me ia deitar, para sonhar que me insinuava naqueles quartos e participava nas complicadas manobras eróticas das suas profundezas...

Além dessa segunda fila de casas, a cidade estendia-se a perder de vista, cobrindo metade da janela com uma amálgama miúda, sempre mais confusa, mais indistinta, mais aleatória entre o vegetal e o arquitectural, com setas de choupos irrompendo aqui e acolá e cúpulas bizarras arqueando-se por entre nuvens. Muito ao longe,

distinguia (fora a mãe, ainda na infância, que mos tinha mostrado, no céu, após uma tempestade) a silhueta zigzagueante da loja *Victoria*, alguns prédios do centro, muito altos e antigos, em forma de zigurate, cobertos de anúncios fluorescentes, vermelhos, verdes e azuis, que se acendiam e apagavam em ritmos diferentes, e, mais ao longe, apenas a densidade crescente das estrelas, que formavam no horizonte uma aresta de ouro antigo. Cravada como pedra no anel estelar, a Bucareste noctívaga enchia-me as janelas, derramava-se para dentro, fundia-se no meu corpo e na minha mente, a ponto de, adolescente, chegar a imaginar uma mistura de carne, pedra, líquido cefalorraquidiano, aço e urina, que, sustentada por vértebras e arquitraves, animada por estátuas e obsessões, digerindo por meio de tripas e centrais térmicas, nos tornaria num só ser. Realmente, sentado à noite na arca junto à cama, com os pés no aquecedor, não era apenas eu que contemplava a cidade: ela também me espiava, me sonhava, se excitava, porque ela não passava de um substituto do meu fantasma amarelo, que me fitava da janela quando a luz estava acesa. Tinha mais de vinte anos quando perdi essa imagem. Foi na altura em que assentaram as fundações do prédio em frente, em que se decidiu alargar e asfaltar a avenida, demolir a padaria, a loja de sifões, os quiosques, e construir uma muralha de prédios, mais altos que o nosso, do outro lado da avenida. Era um Inverno gélido, e o céu, após forte nevão, estava branco e límpido. De quando em vez, espreitava pela janela. Uma escavadora amarela desfazia, atingindo-a com a pá denteada, a casa onde vivera uma mulher lasciva, que eu nunca vira nua. Os quartos estavam vazios, e via-se bem nas ruínas, ainda mais patéticas por causa da neve. Esmagava-se um rim a Bucareste, extirpava-se-lhe uma célula, se calhar vital. Quem sabe se, sob a crosta da cidade, como sob a de uma ferida, não existiriam verdadeiramente subterrâneos, e se essa lubricíssima dona de casa, que (apenas por capricho?) nunca se me desvelara nua, não seria um núcleo, uma abelha-mestra dessa vida ctónica. Agora, o seu alvéolo esfarelava-se como gesso. Em pouco tempo, toda a zona do outro lado da avenida se tornou numa dentadura arruinada, com cotos macilentos e ocos e buracos em decomposição metálica.

Abriira um terço da gigantesca janela-tríptico, fina e húmida, e pusera a cabeça rapada de fora, para sentir gelar-se-me o pescoço e as orelhas e contemplar os vapores que se soltavam do quarto. A neve cheirava maravilhosamente, mas, para lá do seu odor límpido, fresco, como o dos lençóis gelados postos a secar, conseguia pensar o fedor da destruição. E se for verdade que os hemisférios cerebrais se desenvolveram do antigo bolbo olfactivo, então o pivete, a pestilência metafísica, o cheirete dos sovacos do tempo, o cheiro acre a pano de loiça na iminência do êxtase, o odor a agrião da loucura, talvez fossem os nossos mais profundos pensamentos.

Na Primavera, os buracos para as fundações estavam escavados, os canais de esgoto espalhavam-se, qual sarna, pelo lodo, cabos rosas e pretos desenrolavam-se das imensas bobinas, mais altas que uma pessoa, e o esqueleto de betão crescia, obnubilando pouco a pouco Bucareste, afogando-lhe a vegetação sussurrante e ocultando-lhe os inúmeros frontispícios, górgonas, cúpulas e terraços. As cofragens de madeira e ferro forjado, irregulares e precárias; os andaimes, pelos quais trepavam os operários; as misturadoras expelindo baforadas de fumo; os novos postes de iluminação em betão, amontoados, que haveriam de substituir os antigos e enferrujados crucifixos metálicos: tudo se me afigurava a parte visível de uma conspiração destinada a separar-me de Bucareste, de mim mesmo, dos quinze anos em que, sentado na arca junto à cama e com os pés colados ao aquecedor, puxara a cortina e contemplara os vastos céus da cidade. Erguia-se uma muralha – fechava-se uma zona da minha mente. Proibia-se-me, doravante, o acesso a tudo o que de mim projectara em cada um dos cubos e rectângulos, proibia-se-me o verde-negro e o verde-amarelo e a lua fina como uma unha, reflectida em todas as janelas. Tinha eu oito ou nove anos e os meus pais ainda me obrigavam a dormir de tarde. Naqueles tempos, o guarda-roupa estava paralelo à cama, e eu mirava-me minutos a fio no seu brilho amarelo: uma criança de olhos escuros, transpirando debaixo dos lençóis, incapaz de adormecer. Quando o sol reverberado pelo verniz me cegava, fazendo-me ver manchas roxas, virava-me para a parede e analisava – seguindo cada florzinha, cada folhinha alaranjada – o desenho do tecido que revestia

a cabeceira da cama, encostada à parede. Adivinhava, no labirinto floral, simetrias ásperas, grupos inesperados, cabeças de animais e perfis de homens – matéria-prima para os contos que deveriam prolongar-se nos sonhos. Mas o sono nunca vinha. A luz era excessiva, e essa mesma luz branca, de Outubro, incitava-me a brincar com o fogo: escutava os barulhos do quarto dos pais, levantava-me sorrateiramente da cama e ia em bicos de pés até à janela. A imagem da cidade era, agora, poeirenta e longínqua. A avenida curvava-se suavemente para a esquerda, pelo que já conseguia ver os prédios do mesmo lado que o nosso, entre Lizeanu e Obor. Ao longe, muito ao longe, vislumbrava-se o *Foişor de Foc* ⁽²⁾ e, por trás, a central térmica com as chaminés a deitar fumo pétreo. Os choupos pareciam direitos e ogivais, mas os mais próximos denunciavam a pesada herança: os ramos, apinhados de folhas trémulas, não eram rectos, antes serpenteantes como tranças há pouco desfeitas. Colava a testa ao vidro e, entorpecido pela insónia, esperava que chegassem as cinco horas, mas o tempo parecia ter parado, e a terrível visão do meu pai a irromper de supetão pela porta – com uma meia de nylon atada na cabeça, gorro a prender-lhe para trás o cabelo grosso, «pena de corvo» de tão negro – não me saía da cabeça. Num desses momentos roubados ao sono obrigatório contemplei a mais bela paisagem do mundo. Foi depois de uma tempestade de Verão com relâmpagos que se ramificavam pelo céu bruscamente nebuloso – tão nebuloso que não sabia dizer onde é que estava mais escuro, se no quarto ou lá fora –, com bâtegas de água em que cada uma das madeixas paralelas impetuosas estava envolta em vapor de salpicos finos, saltitando preguiçosamente por todos os lados. Quando a torrente acalmou, entre o céu negro e a cidade molhada e cinzenta irrompeu a luz. Era como se duas mãos tivessem protegido a infinitamente terna luz fulva, fresca, transparente, espalhando-se pelas superfícies, tingindo-as de açafão e de citrino, dourando o ar, dando-lhe um brilho de prisma cristalino. Docemente, as nuvens esvaneceram-se, e outras esteiras, do mesmo ouro rarefeito, caindo obliquamente, interferiram com

⁽²⁾ Torre de Fogo (vigia de incêndios). (N. T.)

a claridade inicial, tornando-a mais intensa, mais pura, mais suave. Esparsa pelas colinas, com os campanários do Arquiepiscopado da cor do mercúrio, com todas as vidraças a arder, qual chama de sal, cingida pelo arco-íris, Bucareste era um retábulo pintado na minha janela tripla, no parapeito da qual mal chegava com as clavículas.

A iluminura havia de ser raspada e, por cima dela, havia de ser escrito, com caracteres iguais e apertados, um texto imperativo e pesado como um cortinado. Hoje, que já estou a meio do arco da minha vida; que já li todos os livros, inclusive os tatuados na lua, na minha pele e os escritos com ponta de agulha no cantinho dos meus olhos; que já vi e tive o suficiente; que já desregulei sistematicamente todos os sentidos; que já ameí e odiei; que já icei imperecíveis monumentos de cobre; que já desesperei de tanto esperar pelo Deus-Menino – sem, durante muito tempo, ter percebido que não sou outra coisa senão um ácaro a cavar canais na Sua pele de luz vetusta; que já os anjos povoam o meu cérebro como espiroquetas; que já toda a doçura do mundo me deleitou, e definharam Abril, Maio e Junho; hoje, que já a pele se me escama, debaixo do anel, em milhares de folhas de bíblia; hoje, o vivaz e absurdo hoje, tento desordenar os meus pensamentos e ler as runas das janelas e das varandas jungidas de roupas húmidas do prédio da frente, aquele que dividiu a minha vida em duas partes, assim como o náutilo fecha o compartimento em que já não cabe e se muda para outro maior, na espiral de madrepérola que lhe resume a vida. Mas este texto já não é humano e não o consigo perceber. Aquilo que ficou do outro lado – o nascimento, a infância e a minha adolescência – transparece por vezes pela porosidade do paredão desmesurado, em farrapos compridos e enigmáticos, anamórficos e distorcidos, pulverizados por inúmeros meios de difracção, pelos quais chego ao pequeno quarto onde volto de quando em quando. Madrepérola sobre madrepérola sobre madrepérola, azul sobre azul sobre azul, todas as idades e todas as casas em que vivi (se é que não foi tudo uma alucinação do Nada) são filtros deformadores dos anteriores, filtros que se misturam aos anteriores, tornando as suas bandas mais estreitas e heterogêneas. Não se descreve o passado escrevendo sobre coisas antigas, mas sim sobre a névoa entre mim

e esse passado; o modo como o meu cérebro de agora reveste os meus cérebros passados, em cada vez mais pequenos crânios, de ossos e cartilagens e membranas; a tensão e o conflito entre o meu raciocínio actual, o de há um instante e o de há dez anos; a sua interacção, a fundição de um na imagética e na emoção do outro. Tanta necrofilia na memória! Tanto fascínio por ruína e putrefacção! Tanta indagação médico-legal em vísceras liquefeitas! Pensando em mim com diversas idades, vidas anteriores consumidas, é como se falasse sobre uma fila comprida, ininterrupta, de mortos, um túnel de corpos falecendo um dentro do outro. Há um instante, aquele que escreveu aqui, refractado pelo lago escuro da chávena de café, as palavras *falecendo um dentro do outro* tombou do banco, a pele rasgou-se-lhe, os ossos da face mostraram-se, os olhos escorreram-se-lhe ressumando sangue negro. No próximo instante, o que escrever *o que escrever* ruirá também sobre a poeira do outro. Como é que se pode penetrar nesse ossário? E fazê-lo, porquê? E qual a máscara, quais as luvas cirúrgicas que poderiam proteger contra a infecção que as memórias propagam?

Anos atrás acontecia-me, ao ler versos ou ouvir música, sentir o êxtase, a congestão brusca e concentrada do cérebro, o acumular súbito, nele, de um líquido volátil e vesicante, o abrir inesperado de uma válvula, não para o exterior, mas para algo envolto em miolos, algo intenso e insuportável, a destilar beatitude. Tinha acesso, ganhara acesso ao compartimento proibido, através da poesia ou da música (ou, em alguns casos, de um pensamento, de uma imagem ou – em tempos, voltando sozinho da escola, pisando nas poças primaveris ao longo dos carris do eléctrico – do faiscar de uma montra, do perfume de uma mulher). Embrenhava-me no epitálamo, atolava-me nas amígdalas, agachava-me na extensão abstracta do anel áureo do cerne da mente. A revelação era como um urro de alegria silenciosa, que nada tinha em comum com o orgasmo senão na brutalidade convulsa, mas que exprimia alívio, amor, submissão, rendição, adoração. Eram perfurações, rasgaduras rumo à cisterna de luz viva da profundidade das profundezas do nosso ser, pontos de ruptura crivando o limite interior do pensamento, fazendo-o parecer-se com o firmamento, pois temos todos o céu

estrelado *dentro do* crânio e, *sobre nós*, a consciência moral. Mas, às vezes, essa ejaculação para o interior não alcançava a perfeição. Parava nas antecâmaras e nas antecâmaras das antecâmaras, de onde extraía imitações vacilantes, apagadas instantaneamente e deixando para trás pena e nostalgia, que me perseguiram ao longo de todo o dia. Engenhos para fabricar a iluminação, os versos viciavam-me; usava-os como droga e era-me impensável continuar a viver sem eles. Começara, até, a escrever poemas, nos quais, por entre versos delicados, feéricos e agressivos, dava comigo a inserir, de chofre, sem necessidade alguma, passagens incompreensíveis, que pareciam ter-me sido ditadas por alguém e que, quando as relia, me faziam arrepiar como uma profecia que se tivesse cumprido. Neles falava sobre a mãe, sobre Deus e a infância, como se, durante uma conversa a bebericar cerveja, desatasse a falar em várias línguas, com uma voz fina de criança, de castrado ou de anjo. A mãe, nos meus poemas, aparecia mais alta que os prédios, caminhava na Avenida Ștefan cel Mare, derrubava camiões e eléctricos, esmagava com pés gigantes os quiosques chapeados a metal, varria os transeuntes com a sua saia barata, de chita. Parava defronte da janela tripla do meu quarto, dobrava-se e olhava para dentro. A janela toda enchia-se do seu enorme olho azul, da sua sobancelha franzida, que me aterrorizava. Levantava-se em seguida e afastava-se para oeste, desviando, com a cabeleira crespa e fosforescente, aviões e satélites artificiais no céu ensanguentado. Porquê essa mitificação da mãe? Nunca nada me aproximara dela, me despertara o interesse por ela. Era a mulher que me lavava a roupa, me fritava as batatas, me mandava ir à faculdade até quando queria faltar. Era a mãe, um ser neutro de aspecto neutro, que vivia a sua modesta vida, atarefada, em nossa casa, onde eu sempre fora um estranho. O que é que escondia essa carência afectiva da nossa família? O pai andava sempre numa correria. Ao chegar a casa, congestionado, tresandando a suor, punha logo na cabeça a meia de nylon, com malhas saídas, penduricalho entre as omoplatas, para achatar o cabelo grosso, qual crina de cavalo. A mãe servia-lhe a comida e viam os dois televisão, escolhendo «namorados» entre os cantores de música popular e os actores de variedades,

provocando-se mútua e incansavelmente sobre o tema. Eu comia à pressa e retirava-me para o quarto do lado da avenida (os outros dois estavam virados para as traseiras, para o edifício melancólico, de tijolos vermelhos, da moagem Dâmbovița), para admirar da janela o frémio polidrico de Bucareste ou escrever versos excessivos, em cadernos quadriculados, ou enfiar-me debaixo do cobertor, tapando a cabeça, como se não aguentasse a vergonha de ser adolescente... Assim éramos nós, os membros da nossa família, três insectos preocupados cada um com o próprio rasto, ocasionalmente entretocando as antenas, vivendo as nossas vidas paralelas. «Como é que te correu a escola hoje?» «Bem.» «Então, conta lá, o teu Dínamo perdeu em casa?» «Deixa lá, que o Poli⁽³⁾ também não se saiu lá grande coisa.» Depois de volta para a concha, para a métrica vinda de nenhures:

*mãe, tu é que me deste o poder do sonho.
gostava de, noites a fio, me afundar nos teus olhos
e, mão na tua mão, creria começar a compreender.
e teu coração voltaria a bater para nós dois
e entre os nossos crânios translúcidos, pele crustácea,
rebentaria um fantástico cordão umbilical
e a hipnose e a levitação e a telepatia e o amor
seriam somente flores multicolores nos nossos braços.
juntos
jogaríamos um eterno jogo de cartas com apenas dois naipes: vida e morte
enquanto, ao longe, as nuvens refulgiriam ao alvorecer do dia.*

⁽³⁾ Dínamo e Politehnica, clubes de futebol de Bucareste. (N. T.)